

A RELAÇÃO DO JOVEM COM O OUTRO NA *FANPAGE* DRAMA UNIVERSITÁRIO

Eliane Righi de Andrade¹
Débora de Lima Campos²

RESUMO: Este artigo procura trazer algumas representações que o jovem universitário faz do outro, a partir da análise de cartuns publicados na *fanpage* Drama Universitário, de modo a estabelecer alguns efeitos de sentido que emergem da materialidade linguística e que revelam alguns indícios de sua identidade, de seu modo de se relacionar com o outro e da imagem que tem de si. Partindo de uma perspectiva discursiva da linguagem e de estudos socioculturais sobre a construção da identidade no meio digital, a análise do corpus permite fazer alguns gestos de interpretação que revelam que o jovem universitário está inserido numa ordem do discurso em que a hierarquização social se reproduz, ainda que o jovem tenha no espaço digital mais oportunidade de se dizer e de ser crítico em relação a essas relações de poder.

PALAVRAS-CHAVE: Drama Universitário; estudante universitário; identidade; estudos do discurso.

ABSTRACT: This article intends to bring some representations that university students construct from the others, through the analysis of cartoons published in the *fanpage* Drama Universitário, in order to establish some effects of meaning that emerge from the linguistic materiality, revealing some aspects of their identity, their way of relating to the others and the image that they build about themselves. Using a discursive perspective of language and socio-cultural studies about the construction of identity in the digital environment, the corpus of analysis allows us to make some gestures of interpretation which reveal that the university students are part of a discourse order where social hierarchy is reproduced, in spite of the fact that they have more opportunities to talk about themselves and be critical about power relations in the digital space.

KEYWORDS: *Drama Universitário*; university students; identity; discourse studies.

Introdução

A proposta deste trabalho é articular os estudos do discurso à construção das identidades na contemporaneidade, particularmente do jovem universitário em ambiente virtual, a fim de refletir sobre como os discursos produzidos na virtualidade contribuem para essa construção e para as representações que o jovem tem de si, do outro e da própria universidade. Para isso, focalizamos nossas discussões em material discursivo selecionado da página Drama Universitário, sitiada no *Facebook*, assim como na página oficial *dramauniversitario.com.br*, as quais retratam a vida dos universitários de forma cômica e crítica, através do uso do gênero textual cartum.

Para selecionar os recortes que foram utilizados na análise, partimos de uma concepção

¹ Pesquisadora e professora doutora no curso de Letras da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC Campinas). E-mail: eliane.righi@puc-campinas.edu.br

² Bolsista CNPq no curso de Letras da Pontifícia Universidade Católica de Campinas (PUC Campinas). E-mail: debora.lc@puc-campinas.edu.br

discursiva de linguagem, em que a materialidade linguística é analisada a partir das condições de produção do discurso, levando-se em conta o funcionamento do gênero textual cartum, publicado em página de uma rede social, cujo público se volta, principalmente, a jovens universitários. Procurou-se, assim, estudar os efeitos de sentido que essa materialidade suscita a partir de gestos de interpretação circunscritos à História e à ordem do discurso, revelando regularidades discursivas e momentos de dispersão do sentido, os quais refletem processos identitários em construção.

Fundamentação teórico-metodológica

Ao nos basearmos numa perspectiva discursiva da linguagem, destacamos o conceito de formação discursiva como “aquilo que, numa formação ideológica dada, isto é, a partir de uma posição dada numa conjuntura dada, [...] determina o que pode e deve ser dito” pelo sujeito (PÊCHEUX, 1988, p. 160). Assim, os discursos e seu funcionamento estão articulados às relações de poder que se estabelecem na sociedade (FOUCAULT, 2002), desafiando os limites das formações discursivas a todo o momento, já que o sujeito pertence a várias formações sociais e, portanto, a diferentes formações discursivas, as quais estão sempre em movimento por seu caráter de acontecimento.

Gregolin (2006) destaca que, ao se usar o dispositivo metodológico da análise do discurso, é preciso levar em conta a materialidade linguística na História. A materialidade do discurso é formada, portanto, pela junção da linguagem com a história, que gera a produção de certos efeitos de sentidos. A autora afirma, ainda, que o discurso é produzido por sujeitos sócio-historicamente determinados que são condicionados e controlam as regras (linguageiras e históricas). O sujeito não é concreto ou psicológico, mas sim um sujeito histórico, que depende das posições que pode assumir e representar no discurso. Um único indivíduo pode ocupar diversas posições e lugares de sujeito.

Em relação ao conceito de identidade, que também é de relevância nessa análise, utilizamos como suporte teórico Castells (1999), que define a identidade como um processo de individualização que ocorre perante as instituições sociais dominantes, reverberando as significações das experiências de um povo.

No que diz respeito a atores sociais, entendo por identidade o processo de construção de significado com base em um atributo cultural, ou ainda um conjunto de atributos culturais inter-relacionados. Para um determinado indivíduo ou ainda um ator coletivo, pode haver identidades múltiplas. No

entanto, essa pluralidade é fonte de tensão e contradição tanto na auto-representação quanto na ação social. (CASTELLS, 1999, p. 22)

Castells (1999) afirma que a vontade de pertencer a uma comunidade faz com que as pessoas resistam ao processo de atomização, gerando um sentimento de pertença e identidade cultural naquela comunidade. Para que isso aconteça, é preciso que haja um movimento em que as pessoas compartilhem interesses semelhantes.

Ainda, segundo o mesmo autor, a construção da identidade é marcada pelo ator coletivo e por papéis, que na perspectiva discursiva chamaríamos de posições e lugares assumidos pelo sujeito no discurso. O ator coletivo assumiria, assim, várias posições de sujeito, desdobrando-se em diferentes identidades, dependendo do espaço e tempo em que se encontra. Bauman (2001) reflete sobre a identidade contemporânea com a metáfora do líquido, que toma formas diferentes em conformidade com a do recipiente. Dessa maneira, imaginamos um sujeito que se molda ao tempo e espaço, para se encaixar a quaisquer “realidades”. As suas ações são trabalhadas de acordo com o “espaço” em que se encontra e, sendo assim, no mundo virtual, diferentes identidades se apoderam dele para que haja uma interação com outros naquele ambiente.

Pensando, ainda, nas identidades atravessadas pelo espaço virtual, Walther et al. (2011) afirmam também que as novas tecnologias de comunicação exigem uma visão revisada do processo interpessoal, já que essa nova comunicação diminui as barreiras entre o interpessoal e a comunicação e que, no ambiente on-line, um dos objetivos é o de impressionar os outros, com o desejo de se manter certo *status*, assim como o desejo de expressar compreensão e compartilhar certas similaridades, gerando o sentimento de pertença a uma comunidade. Para Turkle (2011), porém, os amigos numa comunidade virtual apresentam-se como uma unidade e a lista de amigos do *Facebook* ou de seguidores no *Twitter* poderia ser vista como uma lista de “fãs” e não propriamente de amigos.

Boyd (2011) analisa a formação da identidade no mundo virtual através dos estudos de Joshua Meyrowitz (1985), concluindo que as propriedades da mídia digital mudaram os tradicionais ambientes sociais e influenciaram as pessoas e o seu comportamento. O trabalho da mídia reconfigurou os públicos-alvo ao alterar os papéis que as pessoas apresentavam na sociedade, confundindo os limites entre público e privado, destruindo contextos sociais e rompendo a relevância do espaço público no qual as pessoas conviviam anteriormente.

Parks (2011) define comunidades virtuais como grupos em que os membros estão envolvidos em uma ação coletiva, compartilham rituais, possuem vínculos relacionais e estão

emocionalmente ligados uns aos outros de uma forma que expressam um sentimento de pertença àquele grupo, embora sem a aproximação física. Outra característica das identidades forjadas na rede, segundo Turkle (2011), é que o sujeito pode explorar a sua identidade, muitas vezes apresentando não quem ele é, mas o que gostaria de ser.

Dessa forma, pensando nesses conceitos aplicados à construção das identidades contemporâneas, imaginamos um sujeito que se molda ao espaço-tempo on-line. As suas ações são trabalhadas de acordo com o “ambiente” em que se encontra e, sendo assim, diferentes identidades se apoderam dele no mundo virtual para que haja interação e processos de identificação.

Ao investigar o objeto de nossa análise (cartuns da página do *Facebook* Drama Universitário e da página oficial *dramauniversitario.com.br*), percebemos que a divulgação dos cartuns tem o intuito de alcançar um determinado público específico, de modo a estabelecer com ele um vínculo. Woodward (2000) entende que a identificação é o modo como os sujeitos estabelecem esse vínculo social, através de representações comuns. No *Facebook*, essas representações fazem com que o sujeito fã da página Drama Universitário, por exemplo, se identifique e curta os cartuns, compartilhando um interesse ou pensamento em comum, o qual é retratado nesses cartuns.

O Drama Universitário pode ser, assim, caracterizado como um meio de comunicação digital em que os fãs da página a usam para relatar os seus dramas ao mediador da página, o qual, posteriormente, os compartilha em forma de cartuns com seus seguidores, no meio on-line (um meio que pode ser acessado facilmente por muitas pessoas ao mesmo tempo). Esse fenômeno é denominado convergência da mídia (WALTHER et al., 2011). O termo abrange a relação entre diferentes tecnologias de telecomunicação. Essa nova forma de comunicação mudou as pessoas, suas opiniões sobre certos temas e criou novos modos de se relacionar e de ser sujeito no discurso, a partir do uso da tecnologia digital.

Os sites de redes sociais são similares a outros tipos de mídia social e comunidades on-line que também se utilizam da comunicação através do computador. Boyd (2011) apresenta os quatro tipos de ferramentas apresentados pelas redes sociais que ajudam a construir esse meio de comunicação, sendo esses o perfil, a lista de amigos, as ferramentas de comentários e o espaço com as últimas atualizações do usuário (o percurso das atualizações, ou seja, a *timeline* do *Facebook*). Boyd (2011) e Turkle (2011) afirmam, assim, que os usuários se mostram a partir do uso das ferramentas on-line. Sendo assim, podemos presumir que os usuários do Drama Universitário, página que será o foco de nossa análise, ao compartilharem e curtirem o

conteúdo da mesma, estão fazendo isso com o intuito de expor seu perfil nas redes, com o foco nas representações do mundo universitário.

Finalizando com as palavras de Turkle (2011), a internet pode ser vista como um “local” em que o sujeito pode explorar a sua identidade, apresentando nas redes sociais não só quem eles são, mas quem eles gostariam de ser.

Condições de produção do discurso: o gênero cartum, no mundo virtual

Para compreender o alcance dos cartuns analisados, partimos do conceito de ubiquidade de Lemos (2004, p. 13), que o resume como a “possibilidade de estar em vários lugares ao mesmo tempo”, característica da cibercultura. Assim, de acordo com Bucci (2006), no espaço público social gerado pelas instituições mediáticas, os padrões de lugar e de tempo se alteram, uma vez que são presididos pela instância da imagem ao vivo. As informações que são passadas pela internet (e por outros meios tecnológicos), assim como a formação de opinião, acontecem no aqui-e-agora. Sendo assim, com as noções tradicionais de espaço e tempo quebradas, o teleespaço público (o aqui que está em todo lugar) é formado a partir do ubíquo e instantâneo.

No gênero cartum, a linguagem não verbal, assim como a verbal, abre espaço para a interpretação. O cartunista faz uso da linguagem não verbal (as imagens) para que os seus fãs reflitam sobre os cartuns postados na página. Tais reflexões geram depois interpretações, que são postadas na área de comentários. É uma característica do gênero cartum (adaptação do inglês *cartoon*, que se refere a um desenho com tendências humorísticas e que conta uma história), satirizando os comportamentos humanos.

Diferentemente dos cartuns que aparecem em revistas e em jornais, os cartuns do Drama Universitário estão disponíveis no meio on-line. Por esse motivo, os cartuns postados na página provavelmente são mais vistos e comentados do que aqueles que são impressos em outros tipos de mídias como as já citadas. Além disso, a internet fornece a possibilidade de acesso a todos os usuários da rede, diferentemente das outras mídias. Talvez, por esse motivo, quando focamos na questão de credibilidade, essa mídia é vista como menos privilegiada do que as outras. Por exemplo, é muito mais fácil para um usuário da internet postar o seu trabalho do que conseguir uma publicação impressa, como foi o caso, provavelmente, da página Drama Universitário.

Os cartuns da página ainda estão disponíveis para todos e a qualquer momento, como quase tudo na internet. No caso da nossa pesquisa, ao fazermos a seleção dos recortes encontramos cartuns desde o ano da criação da página (2012), embora só fôssemos coletá-los a partir de 2014.

Para esta pesquisa, selecionamos também cartuns da página do *Facebook* Drama Universitário e os comentários que os acompanhavam, durante o período de agosto de 2014 a maio de 2015, mas conseguimos ter acesso a todos os cartuns publicados a partir da data de criação da página. Daí utilizarmos na análise também esses cartuns.

O Drama Universitário, segundo a própria página, tem como intuito retratar a vida dos universitários de uma forma dramática, divertida e crítica, bem como das pessoas com quem os estudantes se relacionam e os lugares em que convivem, mostrando situações do cotidiano (reais ou ficcionais) vividas por eles, as quais constituem seus “dramas”. Temos, portanto, pelos cartuns e comentários, uma “vitrine” de suas representações identitárias, através das imagens cômicas trazidas pelos cartuns e do modo como os participantes da página interagem com elas em comentários.

Análise do material de pesquisa

Quando escolhemos o Drama Universitário para a análise, percebemos que, por mais que a página fosse popular entre os universitários em geral, ela visava principalmente os estudantes de universidades públicas, uma vez que há diversos cartuns que retratam os problemas financeiros dos alunos, a situação precária de algumas universidades federais citadas na página e locais que os estudantes frequentam nessas universidades, tais como o R.U. (Refeitório Universitário), típico das universidades públicas.

A página foi criada em dezembro de 2012 por Lucas Carvalho (criador, moderador e cartunista do Drama Universitário, na época estudante universitário na Universidade Federal do Ceará) e apresenta alguns personagens fixos (o gato Sofrêncio Xerox; Charles, o professor de Cálculo I; Fodarina, a professora que se cansou da disciplina que leciona; e Coitado, o cachorro que é o ombro amigo dos alunos). O Drama Universitário, que foi originalmente criado na rede social *Facebook*, hoje conta também com uma página no *Instagram*, um canal no *YouTube* e uma página oficial (*dramauniversitario.com.br*), sendo que esta última também nos ofereceu material para análise.

Para esta pesquisa, cujo corpus abrangeu uma seleção de cartuns e postagens desde o nascimento da página até maio de 2015, foram construídos cinco eixos temáticos, que retratam alguns tópicos da vida do universitário. Traremos, neste artigo, resultados da análise do eixo: *O universitário na relação com o outro*, analisando alguns recortes discursivos que permitem entender indícios da identidade do jovem universitário, cujas representações se constroem na relação com o outro, num ambiente que contempla a hibridação entre o mundo virtual e real.

O universitário na relação com o outro

Este eixo de análise busca caracterizar as relações do universitário com o outro – figura personificada de diferentes maneiras nos cartuns – com o qual ele convive dentro ou fora do campus universitário e com o qual se relaciona de maneiras diversas. A partir dessa relação, é possível delinear o que o enunciador entende como “dramas universitários” no dia a dia do estudante.

Os recortes discursivos selecionados indicam, em geral, uma certa hierarquização nas relações duais, em que o universitário se encontra quase sempre na posição do mais fraco ou oprimido. Por exemplo, dentro de casa, há a presença dos pais que influenciam as escolhas do filho; no campus, o professor representa a autoridade do saber e do poder, tendo um papel de decisão, por exemplo, ao avaliar o desempenho do aluno e, de alguma forma, ser o agente de seu sucesso (ou não) nos estudos.

Escolhemos para essa análise, seis recortes discursivos que ilustram esse eixo temático.

Recorte 1



Figura 1: Drama Universitário, 11 de outubro de 2014.

Fonte: Disponível em: <https://pt-br.facebook.com/DramaUniversitario>. Acesso em: 14 maio 2015.

No recorte observamos um professor que oferece cinco minutos aos alunos para tirarem uma *selfie* no banheiro, no que parece ser o primeiro dia de aula. O uso da palavra “novatos” em vez de “bixos” – palavra essa usada por veteranos para nomear os novos estudantes da

universidade – mostra uma diferença na formação discursiva entre professores e estudantes. Ao referir-se aos alunos como “novatos”, parece haver um distanciamento hierárquico do professor em relação aos alunos novos, uma vez que o termo “bixo” parece ser o usado entre os alunos, em oposição a “veteranos”, ambos termos que fazem parte da formação discursiva dos estudantes universitários e que indicam também uma hierarquia entre eles.

Por outro lado, em relação à tecnologia, o distanciamento entre professores e alunos desaparece. Ao utilizar a palavra *selfie*, o professor indica compartilhar de certas formações discursivas relacionadas à vida do aluno que são típicas de qualquer internauta (como as redes sociais em que se compartilham fotos, por exemplo). Isso nos mostra também que há uma proliferação dos hábitos que a tecnologia inseriu no dia a dia dos diferentes sujeitos, hábitos que foram possíveis através do uso, por exemplo, da câmera dos celulares, e que passaram a fazer parte do cotidiano das pessoas, enfatizando características do mundo virtual tais como a instantaneidade e a ubiquidade.

O *selfie* – nome utilizado para as fotos que são tiradas por um sujeito dele mesmo, sozinho ou com outros – tornou-se muito popular no meio on-line, em que as pessoas compartilham fotos suas em redes sociais como *Facebook* e *Instagram* e em aplicativos como *Snapchat*. Nota-se que, no balão do professor, “selfie no banheiro da faculdade” está entre aspas como se fosse o título de uma “modinha”, algo que passa a ser um “must” na vida dos jovens. Boyd (2011, p. 43) comenta sobre as características dos conteúdos nas redes sociais. Segundo a autora, são usados quatro tipos de *affordance* na construção textual da rede, que poderíamos entender como as propriedades potenciais dos objetos no mundo digital, nesse caso, desse conteúdo produzido para as redes sociais. Uma delas seria a *persistence* (persistência), ou seja, o fato de as expressões usadas no meio virtual serem gravadas e arquivadas nesse mesmo meio e, depois, serem disseminadas – inclusive migrando para o mundo real, como é esse caso. No recorte acima, *selfie* seria uma expressão que consagra a característica *persistence* por ela descrita. O uso do adjetivo “famosa” também indica a popularidade do ato de tirar foto de si mesmo, prática que foi estabelecida no mundo virtual para divulgar momentos interessantes (ou não) para os membros das comunidades, consagrando-os, então, como momentos “reais” de felicidade, pois não bata você estar num lugar e viver o momento, mas fazer com que outros saibam que você esteve lá.

Nota-se, ainda, na materialidade linguística da postagem do cartum “PEGA O JALECO PEGA O JALECO!!” que tal enunciado parece referir-se a alunos da área de biológicas ou afins, já que estes utilizam os jalecos como uniforme nos laboratórios. Sendo assim, parece-nos

que a vontade de divulgar nas redes a “conquista” de estar em um curso universitário é feita por estudantes desses cursos, provavelmente os mais privilegiados dentro da universidade e pela própria sociedade, daí o desejo de compartilhar essa “vitória”. Há uma necessidade, assim, de exibicionismo, e as fotos servirão como uma prova desse sucesso para o mundo social.

Ao correrem contra o tempo (os cinco minutos propostos pelo professor para tirar a foto), os alunos saem tão apressados que jogam cadeiras e livros, mas continuam com o celular na mão. Isso talvez mostre o apreço dos estudantes pelo *gadget* tecnológico, muito mais do que pelas coisas materiais que circundam a sala de aula tradicional, como os livros e carteiras, já que para estar “bem” no mundo o que importa é estar conectado e partilhar isso (TURKLE, 2012). A autora faz um trocadilho com o pensamento de Descartes, usando a expressão: *I share therefore I'm*, ou seja, *Compartilho, portanto existo*. Podemos inferir que, hoje, com o uso exacerbado das redes, eu sou aquilo que compartilho, senão não sou ninguém (inclusive no mundo real). Um dos motivos para a provável preocupação dos universitários com o celular deve-se ao fato de que o aparelho abriga todos os “dados” que lhe dão uma identidade de grupo: a de estudantes universitários. Boyd (2011) e Turkle (2011) compartilham a ideia, ainda, de que os usuários mostram quem eles querem ser a partir do uso que fazem de certos aplicativos, os quais podem ajudar a criar um perfil seu e um símbolo de sua identidade, através de fotos, vídeos etc. para representar momentos de sua vida.

O olhar entediado do professor nos mostra que ele provavelmente está acostumado a lidar com alunos que querem tirar fotos no primeiro dia de aula, uma vez que a vontade de compartilhar nas redes sociais um certo momento se tornou, como já dito, algo essencial na vida dos jovens. Essa geração compartilha desde os momentos mais importantes, como casamentos e formaturas, até coisas comuns do dia a dia, como o tempo de estudo e o filme que está assistindo – momentos que podem ser compartilhados através de aplicativos como o *Snapchat*. Esse aplicativo permite que o usuário compartilhe fotos e vídeos por um período de tempo determinado por ele. Uma vez que essa imagem ou outro tipo de interação é exibida, ela não poderá ser acessada novamente, ou seja, o aplicativo fornece uma informação que é apenas provisória, instantânea, outra característica do mundo digital e das relações que ele sugere.

Assim, percebe-se uma confusão entre o público e o privado (BOYD, 2011), com a destruição de contextos sociais específicos e com a ruptura do espaço privado, que passa a ser público pela divulgação nas redes. Dessa forma, as fotos sugeridas no recorte remetem a essa “popularização” da vida privada, a esse compartilhamento de uma possível identidade criada com o auxílio de recursos tecnológicos.

Recorte 2



Figura 2: Drama Universitário, 23 de dezembro de 2014.

Fonte: Disponível em: <https://pt-br.facebook.com/DramaUniversitario>. Acesso em: 02 abril 2015.

Ainda se tratando da relação dos estudantes universitários com o outro, nesse caso o professor, este recorte discursivo é introduzido pelo texto “É cara... falou bem... era. Aqui o bagulho é diferente mermão! Pede pra sairr! Pede!”. Notamos que a linguagem usada é a mesma da fala oral do jovem, com o excessivo uso das reticências para indicar a incompletude do pensamento, tanto na apresentação do cartum quanto no balão que representa a fala do estudante. Há também outras marcas no dizer da identidade juvenil, como a escolha de vocabulário “cara”, “bagulho” e “mermão” (meu irmão), que revela a aproximação com o público jovem para a qual a página é destinada. Além disso, nota-se a intertextualidade e interdiscursividade em relação ao cinema, ao fazer uso do enunciado “Pede pra sair”, do filme *Tropa de Elite* (2007), em que o personagem protagonista, Capitão Nascimento, dirigia-se aos candidatos ao BOPE (Batalhão de Operações Policiais Especiais), como modo de humilhá-los e pressioná-los psicologicamente a deixar o curso de treinamento para fazerem parte desse seletor grupo da polícia. Como no caso da universidade, há um discurso de meritocracia que é compartilhado socialmente em que apenas os “ótimos” serão os vitoriosos nessa competição, o que reflete muito do discurso capitalista neoliberal que circula na sociedade.

Segue, após a postagem de abertura, o cartum, o qual exhibe a figura de um universitário desesperado ao receber uma nota baixa na prova de Cálculo I. A escolha de tal disciplina para ilustrar o quadrinho deve-se à representação socialmente compartilhada de ser uma matéria difícil nas universidades, que, inclusive, reprovava muitos dos alunos que ingressam na

universidade nas áreas em que a disciplina faz parte do currículo. Assim como muitos outros alunos, o estudante representado no quadrinho se decepcionou ao perceber que não foi bem na avaliação da disciplina, como era de costume na escola básica, fato demonstrado na fala “mas eu era o melhor na escola...”. Isso se deve à ilusão dos universitários de que o nível de dificuldade das matérias e disciplinas do Ensino Médio permanecerá o mesmo quando chegarem à universidade e que o ensino ali é uma continuação daquela escola.

Próximo ao quadro, o professor não se mostra surpreso em relação à nota do aluno, provavelmente por estar testemunhando mais uma vez a decepção de um aluno em relação ao resultado de sua prova. O balão “Tss! Novatos” também indica que seria usual essa reação dos alunos ingressantes e que outros já passaram por esse mesmo choque. Há, na expressão do professor, portanto, uma certa “satisfação”, a qual poderia ilustrar a relação entre poder e saber, que é representada no cartum pela formação discursiva do professor e que é ratificada pelo jovem cartunista, o qual projeta a representação de que na relação professor/aluno o professor é um “inimigo” do universitário. Assim, pelo grande número de universitários que se identificaram com o cartum (2.224 curtidas e 5.374 compartilhamentos), pode-se inferir que o resultado negativo na prova de Cálculo I (ou de alguma outra disciplina) levou à ruptura da ilusão de que o universitário “detém” algum saber, representação que vai ser frequente nas páginas do Drama Universitário, confrontando as diferentes formações discursivas que estão presentes nessa relação.

A seguir, apresentamos dois recortes que se referem às relações do universitário com seus familiares e o modo como o cartum capta essas relações de estranhamento.

Recorte 3



Figura 3: Drama Universitário, 22 de dezembro de 2014.
Fonte: Disponível em: <https://pt-br.facebook.com/DramaUniversitario>. Acesso em: 15 abril 2015.

Novamente, na introdução do recorte, o texto “Sometimes teu velho...muitos pais, não entendem o quanto é difícil...” se assemelha à fala, com elementos da oralidade, tais como a sequência de palavras sem relação sintática lógica, com pausas indicadas pela pontuação que não corresponde ao uso normativo. A pausa indicada pelas reticências parece ser uma escolha alternativa para o uso de uma vírgula para separar “teu velho” (que se refere ao pai) do aposto “muitos pais” (referindo-se aos pais de muitos universitários). No texto não há apenas indícios de fala oral como também um estilo que se assemelha ao da internet, com a hibridação de recursos linguísticos que se mostra aqui na mistura de dois idiomas, o português e o inglês, já que no início da frase há o uso do advérbio *sometimes* (“às vezes”). No entanto, o uso desse advérbio parece ser meio irônico, já que se afirma que “muitos pais” fazem isso: não entendem o filho universitário.

Ao analisarmos o texto introdutório da postagem e o balão do cartum “Ta cansada por quê? Não faz nada o dia todo. Só ‘estuda!’”, notamos que o cartum faz uma possível crítica aos pais que não compreendem o quanto é difícil estudar e que repreendem os filhos por não fazerem nada além disso (talvez arrumar um trabalho, já que na sociedade capitalista temos de ser “produtivos” o tempo todo), e a dedicação exclusiva ao estudo parece ser desperdício, já que estudar não é entendido em certas formações discursivas (nas quais “muitos” pais estariam inseridos) como uma forma de trabalho produtivo.

A representação que o universitário faz do estudo, porém, é diferente da compartilhada por esses pais representados no cartum. A expressão do rosto da garota é de cansaço, fadiga, e as costas curvadas mostram a exaustão do seu corpo. Diferentemente do pai, que assumiu uma postura feroz, a garota parece submissa ao pai ou, talvez, cansada demais para discutir algo que ele não consegue entender, pois não lhe é familiar, talvez.

Nota-se que, na fala do pai, o verbo “estuda” está entre aspas como se a ação de estudar praticada pela garota não acontecesse ou que isso é muito pouco, já que o verbo é precedido do advérbio “só”. Pelo cartum infere-se que o pai não acredita que a sua filha estude devidamente para a faculdade – teria chegado a essa conclusão pelos resultados negativos das avaliações da filha ou por não valorizar tanto assim o estudo, já que ele pode não ter estudado e não entende essa dedicação ou mesmo o fato de a filha não conseguir acompanhar o curso? Este é outro problema que também ressoa no desempenho dos universitários, principalmente daqueles que apresentam falhas no ensino básico, geralmente advindos da escola pública, outra representação recorrente na página analisada.

A situação retratada no cartum parece ser algo natural na vida da maior parte dos universitários, mas o número de dramáticos que curtiram e compartilharam o cartum (como aparece no recorte) está muito acima da maioria dos cartuns analisados. Além disso, este cartum, entre outros que retratam a relação difícil com os pais, foi o que teve maior repercussão e adesão na página. Isso mostra que os filhos realmente percebem os pais como alguém que não compreende sua difícil relação com a universidade, um outro espaço de convivência e estudo, que não se restringe ao pragmatismo de estudar para se obter um bom trabalho e dinheiro, mas de desafios constantes que precisam ser vencidos individualmente, mas que, por isso, são compartilhados na página num ato de cumplicidade.

Recorte 4



Figura 4: Drama Universitário, 22 de agosto de 2014.

Fonte: Disponível em: <https://pt-br.facebook.com/DramaUniversitario>. Acesso em: 14 maio 2015.

Ao analisarmos esse recorte, o primeiro efeito de sentido que nos enlaça na cadeia de significantes é a desvalorização de certos cursos universitários em relação a outros, regularidade discursiva que atravessa muito dos cartuns estudados. Em um dos recortes selecionados, por exemplo, podemos conferir um aluno de medicina satisfeito em relação ao seu curso. É de conhecimento geral que um estudante de medicina geralmente terá mais prestígio socialmente do que outros, mas como se define essa valorização? Em relação à escolha do curso, há uma pressão social sobre o jovem, que é, muitas vezes, exercida e reforçada nas relações familiares. Essa influência do outro sobre o jovem se dá não só na hora da escolha do curso, mas também na mudança de sentimento em relação à satisfação (ou não) nessa escolha, uma vez que o

universitário tem nesse “outro” um espelho, na medida em que é pelo olhar do outro que obtemos aprovação ou não em nossas ações.

No cartum, o adulto (no caso, a tia) mostra uma preocupação maior com a futura vida financeira da sobrinha do que sua possível satisfação na vida pessoal, além da visível decepção que a escolha da garota representa aos familiares. O cartum nos leva a pressupor quais seriam os motivos pelos quais a tia mostra-se preocupada com o futuro de sua sobrinha. Por acaso esse conflito de ideais entre o jovem e sua tia – que representa as vozes dissonantes de toda a família – seria uma questão de maturidade pela experiência dos mais “velhos”, das gerações anteriores?

Talvez a visão pragmática da tia considere que o mais importante é ter reconhecimento social e financeiro na profissão, o que faz parte das representações do senso comum. Sendo assim, podemos presumir que a tia possui um conhecimento de mundo diferente do da garota – assim como valores – o que faz com que suas representações de mundo se choquem com as da jovem universitária.

Podemos, assim, pensar sobre uma mudança social no conceito de trabalho, vivida pela diferença entre as duas gerações ali representadas. Mas o que poderia ter feito com que essas duas gerações tenham uma ideia diferente da profissão ideal? Vivemos num mundo em que o trabalho apresenta novas características, mostrando-se volátil e em transformação e não apresentando “garantias” de que, se fazendo um curso considerado socialmente promissor, o sujeito será bem-sucedido. Outro fator a ser considerado é o fato de que o desejo de se libertar dos jovens – que sempre foi presente na juventude de qualquer geração – pode ser expresso com menos “recalque” na sociedade contemporânea, pois ele se sente mais livre para fazer as suas próprias escolhas, sem se preocupar em desafiar opiniões alheias. A fala da tia, no entanto, teve o efeito, aqui, de colocar em xeque a escolha da jovem, uma vez que ela a caracteriza como uma “destruidora”. Seria a tia, portanto, a destruidora dos sonhos da juventude?

Nos balões desse recorte, há a presença de oralidade em palavras como “vish”, “né” (não é), “destruidora” (destruidora), “em” (hein) e “viada” (suposto feminino de *viado*, termo popular e pejorativo, que expressa geralmente um xingamento), que expressam a liberdade do pensamento – ato que é individual e que não obriga o jovem às regras de submissão social, permitindo que ele possa referir-se a alguém mais velho com tal termo, sem se preocupar com o desrespeito. No entanto, a hierarquia familiar ainda se faz presente, uma vez que a jovem não diz o que pensa em voz alta e sim em forma de balão de pensamento. Assim, o que a família – o outro – pensa sobre suas escolhas tem, sim, influência na formação desse jovem, que vive o

conflito em seguir seus desejos e, ao mesmo tempo, ter de se responsabilizar por eles, o que é muito difícil.

Ao expressar seu descontentamento em forma de pensamento, não em uma fala, notamos, portanto, que o cartum remonta a uma hierarquia tradicional em que se escutam os mais velhos, ainda que não se compartilhem seus pensamentos. Não há, em nenhum caso estudado nos cartuns, uma reação desrespeitosa ou de confronto aberto com essa hierarquia institucionalizada, o que nos surpreende, já que há um imaginário compartilhado do jovem como alguém desafiador da ordem estabelecida e que, por ter hoje a seu favor a possibilidade de projetar seus pensamentos na rede, isso fosse feito sem tantas amarras sociais.

Um último comentário a ser feito sobre a análise do cartum diz respeito à introdução da postagem “Chegando em casa..tinha parente”, em que o moderador da página e cartunista tenta captar a decepção dos universitários quando se deparam com parentes ao chegarem em casa, talvez porque nesse ambiente não encontrem com quem compartilhar seus “dramas” universitários (papel atribuído ao cartunista, a seus cartuns e à comunidade on-line que curte a *fanpage*). Assim, a tia representa a “estranha” familiar para essa jovem.

Passemos para a análise de recortes que trazem o jovem estudante na relação com outros estudantes na universidade, pensando em como se constitui essa relação.

Recorte 5



Figura 5: Drama Universitário, 10 de setembro de 2014.

Fonte: Disponível em: www.dramauniversitario.com.br. Acesso em: 14 maio 2015.

Este recorte trata de um dos mais comuns rituais de entrada nas universidades: o trote. As opiniões divergentes sobre o assunto fizeram com que este seja um dos tópicos mais

polêmicos dentro e fora da universidade. Alguns são contra e outros a favor da permanência dessa tradição no campus. O trote acontece geralmente no primeiro dia de aula, quando os *bixos* (termo utilizado por veteranos para denominar os alunos ingressantes na universidade) são levados pelos veteranos a realizarem ações diversas sob seu comando, tais como coletar dinheiro, participar de diversas brincadeiras, tais como pintar o corpo e as roupas e cortar o cabelo, entre outras, mais ou menos agressivas. Esse momento, na maioria das vezes, marca a entrada do recém-chegado ao mundo universitário, estabelecendo um vínculo com os estudantes veteranos. No entanto, esse ritual é fortemente marcado pelas relações de poder, uma vez que os veteranos, em sua maioria, adotam o papel de figuras a quem os “*bixos*” estão subjugados, já que forçam os novatos a fazerem, às vezes, o que não querem, humilhando-os, tudo em nome de uma desejável integração na comunidade universitária, em que as relações de poder já estão demarcadas de antemão: veteranos X “*bixos*”. A própria nomeação “*bixos*” já remete a uma memória discursiva em que os ingressantes serão tratados como animais, o que já remete a uma violência simbólica.

O cartum retratado parece fazer, assim, uma crítica velada porém bem humorada ao trote explorador, revelando a subordinação dos *bixos* à vontade dos veteranos. Essa situação está muito próxima ao que acontece na realidade, uma vez que, anualmente, veteranos aproveitam o momento para se divertir às custas dos novatos, afastando-se da ideia de confraternização que poderia estar vinculada ao trote. O exemplo escolhido pelo cartunista para ilustrar isso é o de veteranos que se aproveitam do dinheiro arrecadado pelo “*bixo*” com a desculpa de que o dinheiro será utilizado para patrocinar a “semana do curso” (que aparece na cena como a representação do “antes”), mas que, na verdade, é utilizado para promover a diversão dos veteranos em um bar (a cena do “depois”), em que os novatos são excluídos. A escolha do antes e depois nos remete às comparações estéticas de fotos de pessoas em publicidades sobre beleza, retratando dois momentos da mesma pessoa. Aqui percebe-se a dicotomia entre o que foi dito aos “*bixos*” e o que realmente acontece, fazendo com que se desmascare a real intenção desse trote e as relações de poder que se estabelecem entre os diferentes estudantes na universidade. Para reforçar a ideia de que a prática do trote deixou de ser uma brincadeira para se tornar um momento de humilhação dos “*bixos*”, nota-se que a feição do novato é de medo, enquanto os veteranos riem cruelmente da situação do primeiro. Dessa forma, o enunciador parece tomar a posição do mais fraco, ao denunciar tal constrangimento.

O último recorte que trazemos diz respeito a uma figura típica do meio universitário, que diz respeito à representação do aluno mais responsável, que avisa os outros sobre as tarefas demandadas no curso.

Recorte 6



Figura 6: Drama Universitário, 22 de outubro de 2013.

Fonte: Disponível em: <https://pt-br.facebook.com/DramaUniversitario>. Acesso em: 03 março 2015.

No recorte discursivo – compartilhado por 3.472 usuários, com 5.304 curtidas e 927 comentários – a cena retratada é a de um universitário “esquecido”, que foi lembrado, por uma colega de classe, que na próxima semana haverá um seminário a ser apresentado. Como marca identitária, o cartunista desenhou mochilas nas costas dos universitários, algo que é recorrente em outros cartuns para representar o estudante.

A jovem que o lembra da tarefa personifica-se em um anjo (identifica-se tal atributo pelas asas da personagem, que aparece voando num céu “divino”), porque, aparentemente, ela fez uma boa ação. Um anjo é uma imagem idealizada de um ser cheio de bondade e virtude, mas, diferentemente dos anjos que (re)conhecemos, esse é um “anjo universitário”, assim, ele também possui as características de um universitário: usa mochila, carrega um caderno e fala palavrão (*porra*). Podemos inferir como efeito de sentido que, por mais que o aluno esteja grato pelo lembrete, o “anjo” provavelmente está preocupado em lembrá-lo porque ele é membro do mesmo grupo no seminário. Assim, não se esquecer do trabalho é também interesse do “anjo”.

Tal pressuposição ocorre por causa da postura dos personagens: o “anjo universitário” poderia ser classificado como “mandão” ao apontar um dedo acusador e ordenar que o colega não se esqueça do trabalho, enquanto o outro jovem parece extremamente aliviado com o lembrete.

A sentença “Gente que sempre avisa quando tem algo para fazer na faculdade” indica que normalmente tem sempre um aluno que preenche este perfil como se fosse uma agenda – e o anjo parece carregar uma – para toda a sala ou grupo fechado de amigos. O fato de o anjo ser representado por uma figura feminina enquanto o aluno “displicente” por uma figura masculina remete-nos ao estereótipo social de que as mulheres seriam mais organizadas e responsáveis do que os homens, o que reforça certas imagens estabilizadas dos gêneros, as quais são mantidas no cartum.

Considerações finais

Durante a análise do material linguístico coletado, percebemos que a relação do jovem com o mundo tem pontos em comum em qualquer tempo-espaço social, uma vez que ele busca a liberdade, a autonomia em relação aos adultos, fazendo suas próprias escolhas, ainda que a tecnologia interfira nos modos como ele se diz e se projeta no mundo social na contemporaneidade, o que lhe permite ser mais crítico, embora sua voz repercuta mais nos meios em que se insere, como as redes sociais e as comunidades que segue. Observamos, através da análise e do estudo teórico desse momento social, que as relações de poder e saber continuam a permear os modos do estudante universitário se relacionar com o outro, seja ele o professor, o pai ou um parente ou, ainda, os colegas da universidade, uma vez que há uma hierarquia que é obedecida, fazendo com que os estudantes se assujeitem a essas formas de agenciamento impostas pelo mundo social, ainda que ofereçam resistência a esses mecanismos pela forma crítica com que os encaram.

As redes sociais, assim, deram vozes aos estudantes, fazendo com que manifestem e compartilhem suas angústias; no entanto, a voz do outro é ainda algo que o perturba e o fragiliza. Portanto, o espaço da rede social virtual mostra-se mais como um espaço confessional do que de uma mudança de comportamento que reflita em outras formas de se relacionar que não em uma ordem hierárquica, pois as formações discursivas determinam quem pode ou não pode falar nos espaços institucionais.

REFERÊNCIAS

- BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.
- BOYD, Danah. Social Network Sites as Networked Publics. In: PAPACHARISSI, Zizi. *A Networked Self: Identity, Community, and Culture on Social Network Sites*. New York: Routledge, 2011. p. 39-58.
- BUCCI, Eugênio. Ubiquidade e instantaneidade no teleespaço público: algum pensamento sobre a televisão. *Caligrama*, São Paulo, v. 2, n. 3, dez. 2006.
- CASTELLS, Manuel. *O poder da identidade*. Tradução Klauss Brandini Gerhardt. São Paulo: Paz e Terra S/A, 1999.
- FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 8. ed. Tradução Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 2002.
- GREGOLIN, Maria do Rosário. AD: descrever-interpretar acontecimentos cuja materialidade funde linguagem e história. In: NAVARRO, P. (Org.) *Estudos do Texto e do Discurso – Mapeando conceitos e métodos*. São Carlos: Claraluz, 2006. p. 19-34.
- LEMONS, André. Cibercultura e Mobilidade: a Era da Conexão. *Razón y palabra*, Atizapán de Zaragoza, n. 41, Oct./Nov. 2004.
- MEYROWITS, Joshua. *No Sense of Place: The Impact of Electronic Media on Social Behavior*. New York, NY: Oxford University Press, 1985.
- O'SULLIVAN, Patrick. Masspersonal Communication: Rethinking the Mass Interpersonal Divide. Paper presented at the *Annual meeting of the International Communication Association*, New York, May, 2005.
- PARKS, Malcolm. Social network sites as virtual communities. In: PAPACHARISSI, Zizi. *A Networked Self: Identity, Community, and Culture on Social Network Sites*. New York: Routledge, 2011. p.105-123.
- PÊCHEUX, Michel. *Semântica e discurso*. Tradução Eni Orlandi et al. Campinas: Editora Unicamp, 1988.
- TURKLE, Sherry. *Alone Together*. Philadelphia: Perseus Books Group, 2011. p. 90-123.
- TURKLE, Sherry. Connected, but alone? TED, 2012. Disponível em: http://www.ted.com/talks/sherry_turkle_alone_together. Acesso em: 08 out. 2014.
- WALTHER, Joseph et al. Interaction of Interpersonal, Peer, and Media Influence Sources Online. In: PAPACHARISSI, Zizi. *A Networked Self: Identity, Community, and Culture on Social Network Sites*. New York: Routledge, 2011. p. 17-38.
- WOODWARD, Kathryn. Identidade e diferença: uma introdução teórica e conceitual. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. In SILVA, Tomaz Tadeu da (org). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Petrópolis: Vozes, 2000.

**Artigo recebido em agosto de 2015.
Artigo aceito em outubro de 2015.**